

Editorial

Sérgio Niza

Inácia Santana volta ao tema do discurso escrito para nos trazer um importante texto sobre a produção da escrita e dos modelos teóricos da sua produção e revisão. Começa, porém, por nos fazer entrar na fundamentação e nos processos de construção social das aprendizagens.

É uma versão séria e necessária de um texto de maior fôlego que em breve será integrado num livro a ser publicado na Coleção Infância, da Porto Editora, dirigida pela atenta Júlia Formosinho. Esse outro trabalho de investigação divulgará a dissertação em Psicologia da Educação que submeteu a provas de mestrado no âmbito da psicologia da escrita, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Este texto que agora se publica, em edição monográfica da revista, é um novo desafio que a Inácia nos propõe para reflexão a incorporarmos no nosso desenvolvimento profissional e cívico, decorrente da análise em debate que soubermos promover nos grupos de trabalho onde aprendemos e nos formamos no MEM.

Os temas e a rede de conceitos que trabalhou casam-se, como seria de esperar, com a construção do património cultural que no Movimento vimos construindo e compartilhando.

A escola europeia que se difundiu por toda a parte é a escola da escrita: o lugar de iniciação à mundividência da escrita. É, pela sua origem religiosa, o lugar de entrada nos Livros canónicos das três grandes religiões monoteístas, as religiões do Livro: o Velho Livro (antigo testamento) judaico, o Novo Testamento cristão e o Corão islâmico. A escola recentra-se na Europa a partir do iluminismo em novos livros, com textos

das ciências e das tecnologias, reconvertendo o currículo dos saberes medievais.

O magistério dos professores impôs, porém, até hoje uma apaziguadora interpretação canónica da escolaridade pelo privilégio dado à leitura dirigida, em detrimento do poder partilhado da construção da escrita. Excepção feita às aulas de retórica para produção escrita de comentários aos textos canónicos ou para preparação de sermões de evangelização, a escrita foi usada sobretudo como registo e lei na governação e disciplina dos povos ou para recriação artística das elites aristocráticas.

A produção da escrita de que falamos hoje tem outro significado histórico e cultural na escola contemporânea. Nela se espelham novas funções que foram emergindo pela consciência social de novas necessidades que os desempenhos da escrita poderiam satisfazer. As exigências acrescidas do uso da escrita decorrem ainda da mundialização das sociedades e da incorporação progressiva dos processos intelectuais no mundo do trabalho para podermos dar resposta a esta sociedade em que vivemos e a que chamamos da Aprendizagem ou da Informação e Comunicação.

Assim se revaloriza na sociedade contemporânea tudo aquilo em que a escola falhou. Os que a frequentam, dada a sua inanidade, por oposição ao forte estímulo dos mercados mediáticos e das tecnologias da informação e comunicação, podem agora apropriar-se desses meios de cultura em espaços de convívio proporcionados por empresas e serviços ou interconectados em redes de comunicação a partir das suas casas.

Urge que os professores compreendam des-

de já que incorporando na escola esses poderosos recursos instrumentais de mediação cultural, promotores de aprendizagem e desenvolvimento humano, poderão redescobrir para a sua profissão e para o espaço simbólico da escola uma nova e única oportunidade vocacional para os tempos presentes. Tempos estes, onde como nunca o programa futuro das escolas está traçado e imposto aos governos e às famílias pela história cultural presente.

O domínio de tais instrumentos portadores de cultura e de inteligência, distribuídas em redes interactivas, impõe uma discursividade progressiva privilegiando sem concessões o modo escrito da linguagem.

Se os professores vierem a desistir de ensinar a escrita em interacção com os estudantes com quem trabalham, estes, como o fazem já hoje, aprenderão uns com os outros reinventando a linguagem e recriando uma cultura escrita donde excluirão os adultos. Assim acontece já.

Resta-nos confiar numa inteligência compartilhada dos professores que, associando-se por afinidades, como o fizemos nós, possam reconceber uma escola como instituição aberta à comunicação em redes sistemáticas de trocas criativas de afectos e de produtos culturais. Redes ou parcerias de estudantes construtores de conhecimento e de compromissos de acção no quotidiano das suas vidas em participada cidadania democrática.

Vivemos no tempo por excelência da comunicação e da linguagem. Foi com elas que edificámos a evolução das nossas vidas, desde que nascemos. Hoje, só com elas, construiremos o futuro de sociedades mais dialogantes e inclusivas.

Mas impõe-se que aprendamos uns com os outros a desocultar estes novos mundos, exaltantes, de comunicação e aprendizagem. Eles desmoronaram as nossas competências e a nossa poderosa cultura profissional. Cooperando, solidariamente, saberemos erguer caminhos que nos reconciliem com a vida dos estudantes e com as nossas vidas profissionais, em renascimento.

¹ Wells, G. (1999). *Dialogic Inquiry*, Cambridge, Cambridge University Press.

Para que a actividade da escrita possa tornar-se evolutiva, integrando esses novos e poderosos meios de comunicação e de construção do conhecimento, para nós e para os estudantes com quem trabalhamos, lembrarei, a meu modo, para terminar, algumas ideias que muitos de nós compartilharemos com Gordon Wells¹:

A ideia de que deve existir na escola um sistema de actividade integrado numa comunidade de pessoas que aprendem, para as quais a escrita desempenha um papel significativo. Para que a escrita provoque o comprometimento de quem escreve (escritor), os textos produzidos devem ser funcionais em relação à actividade conjunta em que participe o escritor.

E ainda, a advertência de que cada um desses escritores deve poder contar com a sua comunidade quando necessita de ajuda para aceder a recursos textuais de ajuda pertinente. Mas é necessário também que lhe seja proporcionado apoio e orientação quando deles precise. Acrescente-se que deveriam ainda mobilizar-se dispositivos de revisão cooperativa, a pares entre companheiros ou em interacção com os professores e também em sessões colectivas de análise e reflexão textual e linguística, de textos de modo a fazer evoluir os mecanismos meta-textuais e meta-linguísticos que a escrita reflexiva proporciona.

Já Vygotsky nos lembrara em *A Formação Social da Mente* que «a escrita deve incorporar-se numa tarefa (ou actividade) que seja necessária e pertinente para a vida». Para a vida actual de cada um ou da comunidade em que se trabalha um currículo de aprendizagens culturais.

Mas a forma mais promissora para mobilizar *discursos progressivos* que integrem, nessas comunidades, a produção de escrita, depende da organização de sistemas auto-sustentados de produção cultural. Tais sistemas, alimentados por fluxos de comunicação interactiva, serão estimulados pela circulação dinâmica de textos orais e escritos e de leituras públicas ou interpersonais que suscitem novos textos por influência de transformações intertextuais progressivas. Realizemos já a utopia de Barthes criando com os estudantes com quem cooperamos verdadeiros sistemas de «acting writing», infundáveis.